

# FAKE POPE



**NELLO SCAVO - ROBERTO BERETTA**  
**FAKE POPE**  
**AS FALSAS NOTÍCIAS SOBRE O PAPA FRANCISCO**





Título original: *Fake pope – Le false notizie su papa Francesco*  
© Edizioni San Paolo s.r.l  
Piazza Soncino, 5 – 20092 Cinisello Balsamo (Milão)  
www.edizionisanpaolo.it

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*  
Tradução: *José Bortolini*  
Produção editorial: *Agência Igreja*  
Imagem de capa: *Maupal, SuperPope*  
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

---

Scavo, Nello  
Fake Pope: as falsas notícias sobre o papa Francisco / Nello Scavo, Roberto Beretta;  
tradução de José Bortolini. – São Paulo: Paulus, 2018.  
272 p.

ISBN 978-85-349-4810-4  
Título original: Fake pope – Le false notizie su papa Francesco

1. Franciso, papa, 1936 - Notícias falsas 2. Imprensa 3. Internet - Notícias falsas 4.  
Papás - História I. Título II. Beretta, Roberto III. Bortolini, José

18-1271

070.43

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Reportagens e notícias

Seja um leitor preferencial PAULUS.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:  
paulus.com.br/cadastro  
Televentas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11



1ª edição, 2018

© PAULUS – 2018  
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700  
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br  
ISBN 978-85-349-4810-4



# INTRODUÇÃO

## UM PAPA FINALMENTE “HUMANO”

Este não é um livro apologético. Ou, pelo menos, não desejaríamos que fosse: o papa – inclusive o papa –, pode ser criticado, melhor dizendo, em alguns casos se deve criticá-lo. O problema não é de forma alguma “ampliar” o dogma – já debatido e discutível – da infalibilidade pontifícia até obrigá-lo a cobrir todas as expressões papais, mas, pelo contrário, reconduzi-lo às matérias, às argumentações, às razões que tornam séria, motivada e justamente crível, verdadeira e útil uma crítica ao papa.

Como o leitor logo perceberá, com efeito, não é sempre esse o caso. Contra papa Francisco circulam acusações completamente inventadas (autênticas *fake news*), outras nitidamente instrumentais, algumas que se contradizem entre si, sendo possível confutá-las simplesmente justapondo-as uma à outra. Há acusações verdadeiramente excessivas, como se fosse possível debitar na conta do pontífice todos os males da Igreja, e há acusações falsas, que – por ignorância ou por malícia – contradizem objetivamente a realidade dos fatos. É aquilo que frequentemente acontece a quem exponha a sua obra aos refletores do mundo.

É Bergoglio o primeiro papa a ser criticado? Com certeza não! A figura do pontífice é há séculos de tal

## FAKE POPE

modo alta no pedestal de modo a prestar-se muito facilmente como alvo. É o papa mais criticado de todos os tempos? Isso até poderia ser, talvez não tanto pela quantidade das objeções (houve na história pontífices atingidos por fortíssimas acusações, até mesmo por anátemas e excomunhões) quanto pelo martelar de observações e recriminações, invectivas e até insultos que são atirados sobre ele graças ao infinito reservatório de fantasias e também de infâmias que é a rede com os seus braços sociais.

Não estaremos aqui a condoer o Santo Padre – embora de fato alguns comentários que circulam a seu respeito superem abundantemente não só os limites da decência e da lei, mas também os da dignidade devida a qualquer ser humano. Mas o compreendemos quando (a essas alturas já numerosas vezes) quis combater as piadinhas e as fofocas na Igreja, as conversas maliciosas de sacristia, a difamação, agora – na mensagem para a Jornada das comunicações sociais de 2018 – as *fake news* que perturbam irreparavelmente e condicionam a vida de uma comunidade que deveria ser fraterna como a comunidade dos seguidores do Evangelho.

É evidente: num clima social, com uma opinião pública na qual a “imagem” da pessoa constitui também o seu valor, as *fake news* são armas poderosíssimas. Um “tiro de canhão” de mentiras ou de semi-verdades manipuladas com arte tem o poder de devastar o trabalho de anos, de injetar uma desconfiança demolidora onde – e é com frequência o caso da Igreja – o resultado final depende dos delicados equilíbrios e da paciência nas relações humanas. Não se trata mais de ação crítica, para isso motivada e submetida à averiguação, e sim

## INTRODUÇÃO

de atirar ao nível do chão, deixando ao redor de si terra queimada.

Mesmo sem a necessidade de aderir à tese de um “complô planetário”, segundo a qual haveria um exíguo grupo dominante capaz de direcionar a opinião pública para os próprios objetivos ocultos, sabemos, todavia, que as *fake news*, as informações manipuladas ou instrumentalizadas, são instrumento de poder. Sabemo-lo desde sempre, porém, hoje – graças à difusão capilar e instantânea da informação digital – vemos o princípio aplicado de modo sistemático como nunca antes. E é um paradoxo sobre o qual refletir o fato que estamos tão expostos aos riscos do falso justamente na era em que se vive do excesso de notícias “em tempo real” (de resto, não estamos também submetidos a incríveis retornos da irracionalidade e do populismo exatamente na época na qual deveria ser máximo o domínio da técnica e da ciência?). As *fake news* se nutrem justamente de irracionalidade, e ao mesmo tempo a alimentam falando à barriga das opiniões públicas, por isso são mais que nunca funcionais a um sistema que se funda nos medos recíprocos – como aquele em que vivemos.

E é aqui que novamente o tema da verdade na informação penetra o interesse da Igreja: com efeito, não é possível construir nenhuma comunidade humana, muito menos fraterna, onde dominam a suspeição e a desconfiança, quiçá criadas e gerenciadas com arte por manipuladores. Não por acaso o diabo, o mal personificado da tradição cristã, é etimologicamente “aquele que divide”; e por isso simetricamente estabelecer a verdade é obra espiritual, não apenas um dever de objetividade para jornalistas e comunicadores.

## FAKE POPE

Distinguir para não confundir. As *fake news* reconduzem ao centro o tema da verdade, caro ao cristianismo tradicional; mas desta vez a resposta justa não é fornecer novas seguranças intocáveis, dogmáticas, rígidas, provadas contra a falsidade, e sim educar para contínua busca e à averiguação. É o discernimento – outro termo muito frequentemente usado pelo papa Francisco, e de resto típico do patrimônio jesuíta – a receita proposta por Bergoglio contra o pensamento único ou desviado, e seu primeiro ingrediente é a consciência da pessoa. Bem indagada e submetida a averiguações quanto quisermos, porém, responsabilidade sempre pessoal: “Não estamos acostumados ao ‘pode-se ou não se pode’ – disse o pontífice a seus coirmãos jesuítas da América Latina. Em minha formação, recebi também eu o modo do pensar ‘até aqui se pode, até aqui não se pode’. [...] Esta é uma *forma mentis* do fazer teologia em geral. Uma *forma mentis* baseada no limite. E carregamos conosco as consequências”.

Portanto, retorna-se à distinção inicial, a distinção entre crítica e *fake*: a primeira é um dever (além de um direito), as segundas são um perigo. Mas a distinção não é a “certeza” do conteúdo delas: também as *fake* se apresentam sempre como “verdades absolutas” – e por outro lado todas as “verdades” possuem a sua certeza em proporções variáveis (é preciso saber discernir onde, quanto e quando). A distinção está no sujeito que as submete a juízo – que é sempre sujeito a revisão – e distingue vez por vez os elementos que constituem sua credibilidade, a realidade.

A novidade metodológica de papa Francisco em relação às *fake news* (e, portanto, à ideia de verdade)



## INTRODUÇÃO

consiste em contrastá-las não mediante a imposição reiterada de uma certeza absoluta, imutável, tão crível que não há necessidade de demonstrá-la, como frequentemente acontece com as verdades de fé. Mas em exigir dos homens – começando pelos religiosos – uma educação séria e permanente à averiguação do próprio credo, incluído o credo cristão.

Nesse sentido, pensamos que possam adquirir significado profundo também certas expressões “relativistas” de Bergoglio, como o célebre “quem sou eu para julgar”, mas também “não ousou dizer-vos além disso”, “este é apenas o meu pensamento pessoal” etc.; modos de dizer (e também sugestões pastorais) que suscitaram reações encolerizadas por parte de quem está acostumado a considerar *ex cathedra* qualquer pronunciamento hierárquico, ainda mais se for papal. Papa Francisco foi até mais longe, na recente viagem à América Latina, não só admitindo ter errado nos modos usados para falar dos presumíveis acordos secretos de um bispo em casos de pedofilia – “Peço desculpas se feri as vítimas sem dar-me conta, mas o fiz sem querer e sinto muito. Percebi que minha expressão não foi feliz. É aquilo que posso dizer com sinceridade” –, mas também recordando que o seu juízo dessa questão se fundamenta em dados falíveis e de forma alguma imutáveis: “Devo dizer na verdade que não há evidências de culpa. Não posso condená-lo, não tenho as evidências, e estou convencido de que é inocente. aguardo algumas evidências para mudar de posição. Se vierem a mim pessoas com evidências, serei o primeiro a escutá-las”.

No fundo, é a mesma postura (profundamente humana) invocada em relação ao pontífice – o atual

## FAKE POPE

e todos os predecessores: o papa pode errar, pode ser corrigido e pode pedir desculpa; mas tem o direito de ser julgado com honestidade e na base de “evidências”, e até defendido, embora isso seja decididamente impopular – se tais “evidências” não existem, ou pelo menos ainda não são conhecidas. Eis: Francisco pede a cada um (e em primeiro lugar a si mesmo) para ser homem, no bem e no mal; ou seja, pede para não se contentar com uma referência à *auctoritas*, para superar a imagem, indo além do dado de maioria; pelo contrário, assumindo a responsabilidade de julgar e de escolher, inclusive errando. Na sua pequenez, também este livro deseja prestar testemunho a tal método, profundamente humano.

Nello Scavo - Roberto Beretta